



Universidade de Brasília  
Instituto de Relações Internacionais  
Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais  
XIX Curso de Especialização em Relações Internacionais  
Matrícula: 17/0130762

## **Arte pelo Desenvolvimento**

### **O Banco Mundial e o caso da Exposição “1 em 3”**

**Zélia Maria Pereira Brandt de Oliveira**

**Artigo apresentado como requisito parcial para obtenção  
do título de Especialista em Relações Internacionais**

**Orientador: Prof. Dr. Thiago Gehre Galvão**

**Brasília**

**2018**

## **RESUMO**

O presente artigo tem como objetivo contribuir para a discussão sobre a redução da desigualdade num enfoque diferente do usual, através do viés da arte. Nesse sentido, almeja-se a responder à seguinte pergunta: como um banco de desenvolvimento pode contribuir para a redução da desigualdade através da arte? Tal abordagem é discutida pela análise da exposição “1 em 3” sobre violência contra mulheres, trazida ao Brasil pelo Departamento de Artes do Banco Mundial, de Washington, e exposta no Congresso Nacional em Brasília em março de 2015. A fim de situar o leitor, procurou-se apresentar uma breve descrição sobre a criação do Banco Mundial, sobre seu Programa de Artes e a interrelação desse programa com os diversos setores de atuação do Banco, como a Área de Gênero, tema da exposição em questão. A missão do Banco Mundial de erradicar a pobreza e promover a prosperidade compartilhada não será cumprida quando mais da metade da população não consegue autonomia social e econômica, condição fundamental para diminuição da desigualdade e que será difícil de alcançar enquanto o bem-estar das mulheres for prejudicado por maus-tratos domésticos, estupros, ataques com ácidos, casamentos forçados. Em suma, por meio dessa exposição, objetivou-se ampliar o olhar de como as exposições do Programa de Arte, em menor dimensão comparados aos demais programas do Banco Mundial, conseguem conscientizar as pessoas, transformando atitudes e comportamentos para as dificuldades por que passam os menos favorecidos ou em minoria, como no caso das mulheres que sofrem violência.

## **PALAVRAS-CHAVE**

Violência baseada em gênero, Banco Mundial, Programa de Arte, Relações Internacionais.

## **ABSTRACT**

This article aims to contribute to the discussion on reducing inequality in a different approach than usual, through the bias of art. In this sense, it aims to answer the following question: how can a development bank contribute to the reduction of inequality through art? Such an approach is discussed by the analysis of the "1 in 3" exposure on violence against women, brought to Brazil by the World Bank's Department of Arts, Washington, and exhibited at the National Congress in Brasilia in March 2015. In order to situate the reader a brief description was presented on the creation of the World Bank, its Arts Program and the interrelation of this program with the Bank's various sectors of activity, such as the Gender Area, the theme of the exhibition in question. The World Bank's mission to eradicate poverty and promote shared prosperity will not be fulfilled when more than half of the population does not achieve social and economic autonomy, a fundamental condition for reducing inequality, which will be difficult to achieve as long as women's well-being harmed by domestic mistreatment, rape, acid attacks, forced marriages. In short, through this exhibition, the objective was to broaden the view of how the Art Program exhibitions, in a smaller dimension compared to the other World Bank programs, can raise people's awareness, transforming attitudes and behaviors for the difficulties that the disadvantaged or in the minority, as in the case of women who suffer violence.

## **KEY WORDS**

Gender-based violence, The World Bank, Art Program, International Relations.

## Introdução

*“Só há duas opções nesta vida: se resignar ou se indignar. E eu não vou me resignar nunca.”*

*Darcy Ribeiro*

A arte é central para a humanidade. A partir dela, as civilizações encontraram formas de se expressar, de homenagear divindades e até mesmo de alertar sobre perigos. Não é incomum pensar na arte como crucial para um projeto que almeje o desenvolvimento sustentável (UN, 2015). O seu potencial transformador é, ao mesmo tempo, individual e coletivo: a arte é um meio de resistência e empoderamento (MALEMA, NAIDOO, 2017), uma oportunidade para descobrir novas possibilidades de fugir da pobreza, uma forma de arrecadar recursos e, principalmente, um espaço para a exposição de assuntos muitas vezes marginalizados pela sociedade. Pensando em termos construtivistas<sup>1</sup>, a arte recebe os estímulos de e é influenciada por visões de mundo que circundam o artista enquanto produz uma nova realidade social. A arte é uma possibilidade de mudança.

Tendo isso em mente, escolheu-se como tema para este trabalho uma reflexão sobre o lugar da arte na agenda de desenvolvimento nas relações internacionais pela ótica do Banco Mundial, a arte pelo desenvolvimento.

Para tanto esse artigo está dividido em três partes. Na primeira parte o Banco Mundial é apresentado juntamente com sua atuação na luta contra a violência baseada em gênero e sua atuação com a arte; na segunda parte explica-se a teoria do construtivismo na arte pelo desenvolvimento e na terceira parte o caso da exposição itinerante “1 em 3”, sobre violência contra mulheres, organizada pelo Banco Mundial.

A argumento central deste estudo é que além da arte ser um mecanismo para visibilizar as ações de desenvolvimento do Banco Mundial é possível identificar que o Banco estaria promovendo o desenvolvimento ao usar a arte como mecanismo de

---

<sup>1</sup> Para fins deste trabalho, assume-se a visão construtivista de que a realidade resulta das ideias e práticas dos agentes sociais que constroem as estruturas, ao mesmo tempo em que são construídos por elas. Destaca-se a relação constitutiva entre as práticas e as estruturas das relações internacionais (JATOBA, 2013; WENDT, 1992).

difusão dos valores e ideias da nova agenda global. O Banco tem um planejamento voltado para a promoção do desenvolvimento em determinadas áreas dos países membros e a arte seria um mecanismo para promover um tipo de desenvolvimento mais completo de uma sociedade. Não são muitos os governos ou instituições de desenvolvimento que entendem a ideia de um programa de artes como parte de uma estratégia integral de desenvolvimento de um país e talvez muito poucos querem investir em tais iniciativas. A competência de programas de desenvolvimento baseados nas artes está no conceito da aptidão total do ser humano — tanto criativa quanto social. Um programa de desenvolvimento tem que ir além do crescimento econômico e da estabilidade democrática, acolhendo também à diversidade das necessidades humanas, usando meios realmente participativos capazes de transformar tanto o indivíduo quanto a estrutura. Em resumo, argumenta-se que investimentos em programas de arte certamente garantirão retornos significativos.

## **1. Banco Mundial**

### **1.1. Sobre o Banco Mundial**

É difícil falar sobre o Banco Mundial se não pela vertente econômica, política ou financeira, até porque a pesquisa acadêmica sobre a Organização no Brasil ainda é escassa, apesar de o país ser um dos cinco maiores clientes do Banco e a América Latina ser a principal região com o qual o Banco trabalha, em termos de operações.

O Banco age, desde as suas origens, como um ator político, intelectual e financeiro e o faz devido à sua condição de prestador de dinheiro, formulador de políticas, ator social e produtor e/ou veiculador de ideias sobre o que deve fazer e para quem em matéria de desenvolvimento capitalista (PEREIRA, 2008).

O objetivo inicial desse estudo é conhecer o histórico da atuação e funcionamento do Banco Mundial. Para que se possa abordar esse aspecto, será necessário que seja visto o histórico da formação do Banco, que vai desde 1941 até 1945. Em 1941 formou-se uma nova arquitetura econômica internacional para a paz, com um direcionamento por parte dos EUA e, em 1942, começam a ocorrer as primeiras negociações informais entre os EUA e a Inglaterra por meio de duas figuras

principais, sendo Harry Dexter White, assessor-chefe do tesouro dos EUA, e John Maynard Keynes, assessor principal do tesouro da Inglaterra. Mesmo com essa informalidade, vieram a surgir algumas ideias iniciais: um sistema de cooperação econômica com regras e instituições multilaterais para evitar um cenário de entre guerras, voltado para uma política econômica que não fosse protecionista e nem que ocorresse uma desvalorização cambial competitiva. Também um sistema que promovesse a estabilidade econômica, pleno emprego, livre comércio e investimento internacional visando a manutenção da paz e da prosperidade entre as nações. Houve discordância tanto por parte dos EUA quanto da Inglaterra no que diz respeito à grande parte dos eventos que envolvem economia, recursos, dinheiro. Keynes propôs uma nova ideia, entre elas, a criação da União Internacional de Compensações, a criação de um fundo, dos países atingidos pela guerra e pela promoção do desenvolvimento internacional e pela criação da Organização Internacional do Comércio – OIC (PORTO, CALVETE, 2008)

Em 1943 essa informalidade tomou outro vulto e passou a negociações formais de maneira que os EUA destacaram as propostas vindas da Inglaterra que eram contrárias à política monetária da reforma mundial, indo, então, de encontro aos interesses dos EUA, pensando num Banco Central Internacional, voltados para um fundo de estabilização monetária, o que iria beneficiar os EUA e, um Banco para Reconstrução e Desenvolvimento, que seria o Banco para Reconstrução das Nações Unidas e Associados.

As origens da Organização datam da Conferência de Bretton Woods, que decorreu entre os dias 1 e 22 de 1944 (REINALDA, 2013) na reorganização político-econômica do sectarismo internacional do pós-guerra, que vai implicar numa ordem monetária baseada no dólar direcionando para a criação do Banco Mundial, o BIRD – Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento. Tratou-se do principal organismo multilateral de financiamento ao desenvolvimento social e econômico com a missão primária de reverter a tendência de aprofundamento das disparidades entre o mundo desenvolvido e em desenvolvimento (SEITENFUS, 2012).

Em 1944, na mencionada conferência de Bretton Woods, começa realmente a formalização e a criação do Banco Mundial junto com o Fundo Monetário Internacional, o FMI, e o Acordo Geral de Tarifas do Comércio, o GATT (*General*

*Agreement on Tariffs and Trade*, Acordo Geral sobre Impostos Alfandegários e Comércio).

O Banco Mundial inicialmente era composto por duas organizações que funcionavam sob uma mesma estrutura, o Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento e a Associação Internacional de Desenvolvimento, que começou a funcionar a partir de 1960. Os dois, em sua formação, estavam voltados a conceder empréstimos a taxas preferenciais a seus membros, bem como doações aos países mais pobres. Tais empréstimos estavam vinculados a mudanças mais amplas em políticas públicas dos países, tanto na economia em geral quanto de modo setorial. A missão do Banco evoluiu de um facilitador da reconstrução e do desenvolvimento do pós-guerra para o atual mandato de alívio mundial da pobreza e prosperidade compartilhada. Enquanto os projetos de investimento de infraestrutura pesada já dominaram o portfólio do Banco, um escopo mais ampliado na atualidade inclui projetos voltados para desenvolvimento sustentável, meio ambiente, agricultura, saúde, educação e outros aspectos do setor social.

O paradigma do desenvolvimento evoluiu e também o trabalho do Banco em várias décadas onde houve participação e ingerência do Banco Mundial após várias décadas. Nos anos 50 as atenções eram voltadas para a infraestrutura e, nos 60, para a área rural. A saúde e a educação foram o foco da participação nos anos 70 e a parte fiscal na década de 80. Nos anos 90, foi a vez do social. A governança foi o centro das atenções nos anos 2000 e permanece sendo o ponto central para discussões de desenvolvimento. Por exemplo, no Brasil, a Estratégia de Parceria para o Brasil (Country Partnership Framework – CPF) tem três áreas principais: consolidação fiscal e eficácia de governo; investimento e produtividade do setor privado; e desenvolvimento equitativo e sustentável (BANCO MUNDIAL, 2017).

Nos países em desenvolvimento, as principais atividades do Banco Mundial costumam estar relacionadas às seguintes áreas de desenvolvimento humano: educação, saúde; agricultura e desenvolvimento rural: irrigação, serviços rurais; proteção ambiental: redução da poluição, cumprimento de normas; infraestrutura: rodovias, transportes, urbanização, eletricidade; grandes projetos industriais; e governança: combate à corrupção, desenvolvimento de instituições jurídicas (BANCO MUNDIAL, 2017).

O Banco Mundial estabeleceu entre os seus objetivos, recentemente, a redução da pobreza e a promoção do crescimento de renda dos países em desenvolvimento até 2026. Entre as maneiras pelas quais o Banco atua, está a disponibilização do conhecimento da Organização para a produção de um diagnóstico personalizado que avalia a eficiência do gasto público de cada país de sua atuação. A partir das informações coletadas e das análises realizadas, o Banco Mundial propõe uma série de recomendações que poderiam auxiliar o Estado em questão.

Tal processo poderia ser caracterizado como uma orquestração, sendo esta a forma de governança na qual um ator ou conjunto de atores (*orquestrador*) trabalha através de um segundo ator ou conjunto de atores (*intermediário*) a fim de governar um terceiro ator ou conjunto de atores (ABBOT et al, 2012). Entretanto, a estratégia normalmente ocorre com as Organizações Internacionais como orquestradores.

As atividades da Organização ocorrem por meio de negociações que ocorrem separadamente com cada governo dos países interessados nos seus recursos e ideias, países esses muitas vezes responsáveis pela contrapartida dos financiamentos. Ao par com os constrangimentos e dissimetrias que as relações entre o Banco Mundial e outros países que possam ter, tal organismo não atua sozinho, sendo, pois, necessários considerá-los na relação com as outras partes envolvidas mais diretamente nas suas negociações bem como ter em conta cada contexto específico.

O funcionamento do Banco constituiria parte de um regime internacional na medida que se conformaria com base em princípios, normas e procedimentos, onde o princípio fundamental significa o livre comércio. O procedimento e tomada de decisão significam doação e empréstimo. As regras irão definir como fazer uma doação e como fazer um empréstimo. Segundo Keohane e Nye (1977, p. 19), regimes são como “conjuntos de arranjos de governança” que incluem redes de regras, normas e procedimentos que regulam o comportamento dos atores e controlam os seus efeitos.

Vale pontuar que os trabalhos do Banco variaram da preocupação com projetos de infraestrutura, para o alívio da pobreza e da boa governança (HERZ, 2004).

## **1.2 A atuação do Banco Mundial na luta contra a violência baseada em gênero**

Pode-se dizer que as vidas de meninas e mulheres mudaram radicalmente no último quarto de século nos países em desenvolvimento. Esse ritmo de mudanças tem sido surpreendente. E em muitos desses países em desenvolvimento as mudanças têm sido mais rápidas que nos países desenvolvidos. Em termos de aumento da taxa de matrícula escolar das meninas, os Estados Unidos levaram quarenta anos para atingir o mesmo índice que o Marrocos levou apenas dez anos (REPORT, 2012).

A igualdade de gênero tem importância tanto pela capacidade de viver a vida, que é um direito básico do ser humano, homem ou mulher, quanto pelo poder instrumental quando contribui para a eficiência econômica e a obtenção de resultados essenciais de desenvolvimento (DECLARAÇÃO, 1948).

Além disso, o reconhecimento sobre o empoderamento das mulheres e a igualdade de gênero foi incorporado aos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM) e nos ODS, estabelecidos pelas Nações Unidas a partir dos anos 2000.

Entretanto, questiona-se porque a sociedade deveria destinar tanto esforços e recursos para alcançar a igualdade de gênero.

Primeiramente, a igualdade de gênero é um objetivo por si só quando pensamos que a sociedade deveria ser justa e igual para todos. Entretanto, é possível, também, pensar nela como necessária para o desenvolvimento: igualdade de gênero é economia inteligente. Isso porque a igualdade remove barreiras que impedem as mulheres de terem o mesmo acesso do que os homens à educação, oportunidades econômicas e recursos que poderiam gerar maiores ganhos de produtividade. Além disso, melhorar o status das mulheres na sociedade traz inúmeros ganhos, inclusive para suas crianças. Garantir uma atuação política igualitária é muito importante porque tornaria as instituições mais inclusivas, levando a decisões que tem maior potencial de beneficiar a todos (REPORT, 2012).

As mulheres representavam, em 2012, mais de 40% da força de trabalho e 43% da mão de obra na agricultura. Para uma economia atingir seu potencial completo, as mulheres também deveriam ser incentivadas a aprimorar suas habilidades. Em um mundo onde as oportunidades não são as mesmas, quase metade do potencial humano está sendo desperdiçado (REPORT, 2012).

Por conta dessa desigualdade, que é tão presente nos cenários nacionais e internacional, é essencial que se atue por diversas frentes, inclusive além das

tradicionais. Encontra-se, portanto, uma oportunidade para utilizar o programa de arte a fim de intensificar os resultados na busca pela igualdade.

### **1.3 A atuação do Banco Mundial com a Arte**

Alguns organismos internacionais possuem setores voltados para as artes. O Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento - Banco Mundial, que é objeto deste estudo, tem, em seu Programa de Arte, o objetivo de conscientizar as pessoas para os problemas do mundo através dos temas de desenvolvimento em que atua. Esses temas, com sua nova taxonomia de códigos introduzida em julho de 2016 para todas as operações de empréstimo e produtos, são: Política Econômica; Desenvolvimento do Setor Privado; Finanças; Gestão do Setor Público; Desenvolvimento Social e Proteção; Desenvolvimento Humano e Gênero; Desenvolvimento Rural e Urbano; Gerenciamento de Meio Ambiente e Recursos Naturais (BANCO MUNDIAL, 2017).

O Banco Mundial é um dos organismos internacionais que acredita no papel da arte como um dos pilares do desenvolvimento. Tal qual mencionava Gail Lord, como contribuidora ao relatório *Soft Power 30*: “os museus poderiam ser considerados plataformas de poder suave quando ampliam o discurso cívico, aceleram as mudanças culturais e contribuem para a inteligência cultural entre a grande diversidade de habitantes da cidade, visitantes, políticos e líderes”. (LORD, 2017, p. 103)

A razão de ser deste texto é olhar para esse programa criado e utilizado na tentativa de alcançar o objetivo de aumentar a consciência das pessoas para os problemas pelos quais os menos favorecidos passam. “Desde a sua criação, o programa encontrou maneiras de mostrar a riqueza artística dos países clientes, promover o crescimento de artistas de países em desenvolvimento e proporcionar um rosto humano ao desenvolvimento”.

O Programa de Arte do Banco começou a funcionar em 1997 e tem como missão aumentar a presença da instituição em seus países membros, alcançando um grande número de artistas através de aquisições, exposições, competições e o desenvolvimento cultural nas artes visuais. A arte é um dos maiores unificadores do mundo e serve como meio criativo de comunicação. Enquanto as pessoas em muitos dos países membros são consideradas pobres em termos econômicos, possuem uma

valiosa riqueza escondida sob a forma de expressão artística e criatividade. O Programa de Arte visa mostrar essa riqueza, dando voz aos artistas para expressar através de suas obras de arte as esperanças e as lutas das pessoas em seus países (BANCO MUNDIAL, 2017).

O Programa tem sede em Washington e administra uma coleção permanente compreendendo mais de 5 mil peças de arte, especialmente de autoria de artistas emergentes que vivem nos países membros, e se esforça para mostrar o rosto humano do desenvolvimento através da organização de exposições de arte que promovam o diálogo sobre uma ampla gama de questões internacionais. As exposições já realizadas abordaram questões como o tráfico de seres humanos, o trabalho infantil, a migração, a desigualdade social, a diversidade e a democratização.

Diariamente, o Programa recebe uma média de duas propostas para colaborações em exposições, concursos ou simpósios dentro do Banco e de fontes externas, sendo capaz de implementar três a quatro desses projetos a cada ano, e organiza mais de 150 novas instalações de arte em escritórios do Banco anualmente. Nos edifícios do Banco em Washington, as obras de arte ficam expostas de maneira a maximizar a visibilidade das peças em exposição. Todos os anos o Banco adquire, comissiona e empresta uma média de 100 obras de arte. Oferece uma variedade de visitas guiadas, seminários e palestras para seus funcionários e para o público em uma base regular. Organiza competições anuais de arte para crianças e adolescentes em temas relacionados ao desenvolvimento.

A própria instituição escreve e produz seus próprios materiais impressos ou eletrônicos para suas exposições como também produz catálogos para sua série de exposições, regionalmente focada. Eleva seus próprios fundos para operar, de modo que esses recursos preciosos não sejam desviados do lado operacional do Banco.

O Banco recebe obras de arte como presentes para gerentes seniores e para a própria instituição, desde o seu início. Ao longo dos anos foram adquiridas obras de arte adicionais para decorar o Banco. A coleção atual é composta de artefatos de países membros, com preferência por obras de artistas emergentes do mundo em desenvolvimento. Muitos artistas, depois de serem apresentados na coleção do Banco, viram o valor e prestígio de seus trabalhos crescerem significativamente. O Programa

de Arte não atua para fins lucrativos, mas sim para oferecer oportunidades aos artistas com acesso limitado ao mercado de arte internacional (BANCO MUNDIAL, 2017).

Em uma abordagem inicial, parece não haver espaço para lidar com arte dentro de um banco de desenvolvimento, mas as iniciativas do Banco evidenciam como a busca pelo desenvolvimento andam ao lado de iniciativas artísticas, que apostam em abordagens mais empáticas e humanas. Uma utilização inteligente dos recursos de várias naturezas para alcançar o desenvolvimento requer a boa governança que não se resume em boas atuações nas instituições, mas em um esforço holístico que engloba todas as esferas da sociedade.

A expressão *governance* surge a partir de reflexões conduzidas principalmente pelo Banco Mundial, “tendo em vista aprofundar o conhecimento das condições que garantem um Estado eficiente” (DINIZ, 1995 p. 400). Segundo a curadora de artes da instituição, Marina Galvani, “o objetivo é educar as populações globais e dar voz aos artistas para expressar, através de suas obras, as esperanças e lutas das pessoas em seus países”.

A ideia de possibilitar um ambiente no qual o artista possa ter sua voz ouvida será discutida a partir da teoria do Construtivismo, tendo em vista o fato de a arte ser, ao mesmo tempo, resultado e agente construtor das estruturas internacionais.

## **2. Arte pelo Desenvolvimento no Viés do Construtivismo**

O construtivismo se propõe a repensar a ontologia das Relações Internacionais, destacando a centralidade das relações sociais. Para isso, argumenta que a realidade resulta das ideias e práticas dos agentes sociais que constroem as estruturas, ao mesmo tempo em que são construídos por elas. Destaca-se aqui, portanto, uma relação constitutiva entre essas práticas e as estruturas das relações internacionais (JATOBÁ, 2013). A arte é também responsável por reproduzir a realidade – essa característica intrínseca da arte é mais comum de ser analisada, inclusive. Entretanto não se pode ignorar o poder que ela tem para construir a nossa noção de mundo.

Ainda segundo Jatobá (2013), há três vertentes do construtivismo: construtivismo neoclássico, de Ruggie; construtivismo orientado por regras, de Onuf;

e o neoconstrutivismo positivista, de Wendt. Analisar-se-á cada uma dessas vertentes a luz do papel da arte na luta contra a pobreza.

O construtivismo neoclássico se apresenta como um meio termo entre o racionalismo e o reflexivismo, tanto no aspecto ontológico – enfatiza a importância dos significados intersubjetivos, como no epistemológico – valoriza o compromisso com uma ciência social interpretativa. Eles se propõem a reconstruir a base epistemológica com ferramentas analíticas. Ou seja, pretende reconsiderar a ontologia das Relações Internacionais por meio do destaque dado à dimensão intersubjetiva da realidade internacional, para desenvolver uma alternativa epistemológica que forneça métodos adequados. A construção social da realidade dependeria das interpretações normativas e epistêmicas sobre o mundo em que vivemos (RUGGIE, 1998; JATOBÁ, 2013).

Essa vertente é construída pela teoria dos atos de fala adicionada à ação comunicativa. Retoma-se a noção de Weber de que é preciso analisar os contextos dentro dos quais as ações humanas adquirem e produzem significados. A ideia central é de que a linguagem é utilizada para realizar e criar coisas, e não apenas para descrever a realidade (JATOBÁ, 2013).

A hipótese deste trabalho abraça esta ideia. A arte é uma linguagem – ao considerar o aspecto multimodal da comunicação, percebe-se que as mensagens são transmitidas não apenas a partir da fala, mas também por meios visuais, por exemplo. Desta maneira, a arte estaria sendo utilizada para criar uma realidade mais propícia à erradicação da pobreza – com mais conscientização, por exemplo. Ao mesmo tempo, a arte dá a oportunidade para que muitas pessoas consigam superar situações de miséria; oportunidades que elas não encontrariam tão facilmente, devido à dificuldade de pessoas em contextos subalternos de adentrarem no ensino superior ou no mercado formal de trabalho.

De acordo com os Jogos de Linguagem de Wittgenstein, usar uma linguagem é o mesmo que desempenhar uma atividade social (WITTGENSTEIN, 2012). Acredita-se que, nessa situação, utilizar a arte é o mesmo que agir ativamente na luta contra a pobreza.

De acordo com Ruggie (1998), há uma linha de transformação do construtivismo: assumir que os agentes transformam as estruturas; analisar o fato de a

estrutura ser um conjunto de práticas sociais situadas no tempo e no espaço, discernir como elas podem estar suscetíveis às mudanças; identificar, registrar e especificar as consequências das micro práticas sociais nas relações internacionais. Essa linha poderia, inclusive, ser aplicada considerando a arte como prática social e o artista como agente. A partir disso, é possível realizar um trabalho relacionando a teoria do construtivismo à arte.

Outra vertente da corrente é o construtivismo orientado por regras de Onuf (1989) defende que as sociedades são entidades constituídas: os seres humanos participam da construção da sociedade e são por ela constituídos. Para estudar esse processo, é necessário um terceiro elemento, as regras. Isso porque um ato só é capaz de participar de uma realidade social se carrega significado, o que depende da existência de regras. As regras orientam a conduta humana, mas não a determinam (ONUF, 1989; JATOBÁ, 2013). As regras, em primeiro lugar, parecem muito distantes do mundo das artes; afinal, pode-se fazer arte sem qualquer tipo de regra. Todavia, há normas implícitas para realizar qualquer ato social e a arte não foge a isso. Só é possível compreender o que o autor quer transmitir a partir da obra se compartilharmos uma noção de regras e significados socialmente codificados. São essas significações em comum que garantirão que o intuito do artista será alcançado.

Além disso, o construtivismo orientado por regras de Onuf também engloba diretamente a questão dos atos de fala. Inicialmente, coloca-se que o discurso e o ato estão ligados de modo interdependente: as ações sociais são expressões dos discursos (JATOBÁ, 2013). Aqui se adota a ideia de que não apenas a linguagem seria expressão das ações sociais, mas também o contrário. Sendo assim, é possível diferenciar os tipos de atos de fala: atos de fala assertivos, relacionados às regras de instrução – estabelecem uma crença associada à intenção do enunciador de que ela seja aceita pelo receptor; atos de fala diretivos, relacionados às regras diretivas – estabelecem ordens e têm o objetivo de a regra ser obedecida; atos de fala compromissórios, relacionados às regras compromissórias – foco no compromisso do emissor (JATOBÁ, 2013). A arte pode ser enquadrada em qualquer um desses tipos de ato de fala, principalmente no primeiro – atos de fala assertivos – e no terceiro – atos de fala compromissórios. Afinal, um dos principais papéis associados à arte na redução da pobreza seria o de transmitir mensagens incentivadoras ao expectador, a fim de que ele se sinta parte da mudança e

se determine a alterar a realidade dessas populações.

Por fim, fala-se do neoconstrutivismo positivista de Wendt (1992). A epistemologia positivista utilizada nessa vertente é inspirada no realismo científico: é reconhecido o status científico das afirmações feitas sobre entidades e seus mecanismos causais. A teoria situa-se em um meio-termo. Há um compromisso ontológico com a tese de que as ideias importam (construtivismo), mas uma epistemologia que confia na cientificidade (positivismo). Um dos principais pontos desta teoria é a relação entre regras, identidades e interesses. Os seres humanos agiriam de acordo com regras institucionalizadas, mas também de acordo com seus interesses, sendo estes dependentes das identidades carregadas pelos agentes. Identidade é o tema central da teoria construtivista de Wendt. Ela é definida pelos entendimentos e expectativas e é base para os interesses (WENDT, 1992; JATOBÁ, 2013).

Há uma adaptação da teoria da estruturação. Essa teoria explica que para resolver o problema do agente-estrutura, é necessário compreender que nenhum dos dois tem prioridade ontológica. Isso porque são mutuamente constituídos (JATOBÁ, 2013). É possível retornar ao argumento de que não existiria prioridade ontológica entre a estrutura internacional em relação à pobreza e as artes do programa em questão do Banco Mundial. Eles constroem um ao outro com a mesma força de influência. Em suma, o neoconstrutivismo positivista defende três pontos principais: as pessoas agem de acordo com o significado que os objetivos/agentes têm para elas; os significados coletivos organizam as ações; os significados emergem das interações sociais (JATOBÁ, 2013).

Esses três pontos abrem espaço para muitas reflexões acerca da relação entre a arte e as Relações Internacionais. Primeiramente, considerando o poder da arte em construir a realidade e o fato de que as pessoas agem de acordo com os significados que os efeitos têm para elas, a arte influenciaria diretamente a atitude das pessoas. A arte seria, então, um recurso valioso na luta contra as discriminações de qualquer tipo, bem como conscientizadora a esse respeito. Por outro lado, as artes estariam sujeitas aos significados existentes, de maneira que a própria realidade e os projetos do Banco Mundial afetam em muito qual tipo de arte será produzida e qual mensagem ela passará. Por fim, pensar que os significados emergem das interações sociais é dizer que a arte não apenas influencia a realidade e é por ela influenciada e essa relação é

fundamentada por regras. A arte também é capaz de mudar essas regras. Ela teria, portanto, capacidade de alterar as próprias significações na estrutura internacional que permitem que essas situações de pobreza existam em primeiro lugar.

Em uma perspectiva institucionalista construtivista, inclusive, é necessário repensar o próprio significado de instituições. O termo deixa de se referir a apenas uma estrutura formal, para abarcar um conjunto de normas, regras e rotinas que têm a capacidade de moldar as identidades dos atores internacionais e que é constrangida pelas expectativas sociais. Nesse sentido, o Programa de Artes teria uma função essencial na construção dessas identidades e de divulgar as iniciativas que estariam em consonância com as expectativas da sociedade.

Neste sentido, pode-se afirmar que o Programa de Artes trabalha a partir de vias artísticas para difundir a riqueza dos países clientes e disseminar informações para os funcionários e para os visitantes, provendo a face humana de um desenvolvimento normalmente interpretado apenas com números e gráficos. O objetivo é educar e garantir que as vítimas de violências e outros sofrimentos encontrem espaço para proferir sua voz (BANCO MUNDIAL, 2017), o que está de acordo com a proposta mais ampla do Banco Mundial, de institucionalizar mecanismos de governança no cenário internacional (WHITMAN, 2009) a fim de contribuir para o desenvolvimento. O desenvolvimento não pode ser compreendido como integral se desconsiderar a experiência dessas pessoas as quais se pretende ajudar em seus contextos sociais. Assim, o trabalho do Banco Mundial é acompanhado de exposições e manifestações artísticas que, ao mesmo tempo em que empoderam os artistas, auxiliam na implementação das políticas propostas pelo Banco e na criação de uma consciência que ateste a importância dessas iniciativas.

### **3. A Exposição “1 em 3”**

O caso aqui explorado é o conjunto de obras artísticas “1 em 3”, já exposto em cinco países (Brasil, Senegal, Alemanha, Suíça e Quênia) após a exposição inaugural em Washington, em maio de 2014. As obras variam desde pôsteres e fotografias a pinturas e esculturas e são criações de artistas contemporâneos que utilizam a sua arte para confrontar a problemática da Violência Baseada em Gênero (GBV, em inglês).

De acordo com o próprio Banco Mundial, Violência Baseada em Gênero se refere às violências perpetradas contra uma pessoa por conta de seu gênero (WILLMAN; CORMAN, 2013). Como consequência das estruturas de poder que caracterizam a maioria das sociedades atuais, as mulheres são as mais vulneráveis a esse tipo de violência. Destaca-se que, por conta das interseccionalidades com outras estruturas opressoras – como raça, classe e nacionalidade, essa violência não atinge igualmente a todas as mulheres; entretanto, todas as mulheres estão sujeitas a ela.

Essa exposição de arte combina dados reais<sup>2</sup> com arte delicada, intensa, *naïf* e dramática, e explora as diversas formas como a violência afeta a vida de meninas e mulheres em todo o mundo (BANCO MUNDIAL, 2017). A necessidade de se adotar perspectivas que incluam as vivências e experiências das mulheres é muito discutida no cenário internacional atual. As relações internacionais são pautadas por regras explícitas e implícitas que definem que país é e que país não é “civilizado” e a questão das mulheres sempre foi central para essa diferenciação. Entretanto, enquanto no século XIX excluir as mulheres era um indicador de progresso, hoje o índice de igualdade de gênero é um dos fatores para discutir o nível de desenvolvimento de uma nação (TOWNS, 2009)<sup>3</sup>. Internacionalmente, o debate em prol dos direitos das mulheres se intensificou com a Conferência de Pequim, em 1995, que é colocado como um marco histórico para o assunto. Com essa discussão em voga, a atuação do Banco Mundial parece muito pertinente com o contexto histórico em que se encontra o cenário global. Afinal, ainda que o discurso pela igualdade seja recorrente, a violência contra as mulheres é ainda muitíssimo frequente: o próprio nome da exposição indica que a cada três mulheres, uma será violentada ao decorrer de sua vida (BANCO MUNDIAL, 2017).

A proposta da exposição é enfrentar, paralelamente às demais atividades do Banco Mundial sobre a questão, a Violência Baseada em Gênero por meio da arte. Com as obras, a organização pretende conscientizar acerca dessas violações dos

---

<sup>2</sup> Empowering Women and Girls, Voice and Agency [Mais poder às mulheres e meninas, voz e autonomia].

<sup>3</sup> O próprio Standard Global de Civilização de Towns (2007) pode ser proveitosamente explorado a partir da ótica construtivista: a noção do que é “civilizado” ou não é construído a partir das práticas e experiências da humanidade. A exposição de arte em questão serviria, inclusive, para reforçar esse Standard Global da igualdade de gênero como padrão de desenvolvimento, pois divulgaria as atrocidades que acontecem com as mulheres, contribuindo para uma maior tomada de consciência por parte da população global.

direitos humanos e “forçar” – termo utilizado pelo Banco também entre aspas – os indivíduos a assumirem uma posição (BANCO MUNDIAL, 2017). É possível interpretar, sob a ótica do construtivismo, que a exposição estaria criando uma visão de mundo mais realista e ativista e, portanto, auxiliaria o Banco Mundial a cumprir seu objetivo de participar na criação de estruturas que permitam a erradicação da GBV. Ademais, as criações artísticas também serviram como canal de cura para meninas que se refugiaram em abrigos e que recontam sua jornada, o que permite a elas reconstruir suas identidades (idem) – nesse sentido, as obras seriam práticas construtivistas também por atuarem na construção da realidade dessas meninas revisitadas sob o ritual da arte.

Em Washington, a exposição foi exibida entre 23 de maio e 15 de agosto de 2014. Seguiu para Brasília e foi inaugurada em março de 2015 num evento comemorativo ao mês da mulher no Salão Branco do Congresso Nacional. Pôde-se apresentar experiências vividas por mulheres de diversas partes do mundo, distintas etnias, experiências essas nem sempre agradáveis pois todas relatam de alguma forma o sofrimento ou o testemunho do sofrimento passado por mulheres, porém com um olhar artístico captando a atenção dos expectadores através da arte.

A diversidade de artistas dessa mostra é tão grande quanto os tipos de problemas, preconceitos e constrangimentos, sofridos pelas mulheres retratadas, que não escolhem origem entre países desenvolvidos e do Sul-Global. Países como Irã, África do Sul, Albânia, Índia, Chile, Afeganistão, Namíbia, Trinidad e Tobago, Rússia, Iêmen, Papua Nova Guiné, Egito, Estônia, Arábia Saudita, Paquistão, Reino Unido e Estados Unidos. Mulheres desses países já sofreram algum tipo de violência que são mostrados nessa exposição no intuito de levantar a consciência das pessoas para esse problema ainda atual.

É dessa forma que o Banco Mundial participa, usando a arte num assunto tão sensível e tão importante com a intenção de, ao ajudar essas mulheres a se reerguerem, a se profissionalizarem, a se livrarem do estigma do sofrimento pelo qual passaram, contribuir para o desenvolvimento.

Abaixo, algumas fotos ilustrativas da exposição “3 em 1”, ocorrida no Salão Branco do Congresso Nacional, em Brasília-DF, em março e abril de 2015.



Fig. 1 Capa do folder da exposição “1 em 3”

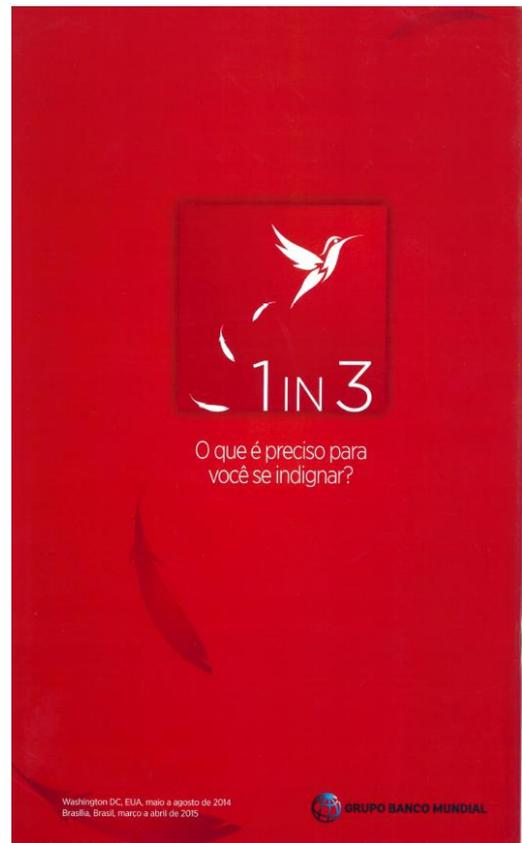


Fig. 2 Contra-capa do folder da exposição “1 em 3”



Fig. 3 Lista dos artistas que participaram da exposição



Fig. 4 An Attempt, Marwa Adel, Egito



Fig. 5 Boca Raja, Francisca Valenzuela, Chile

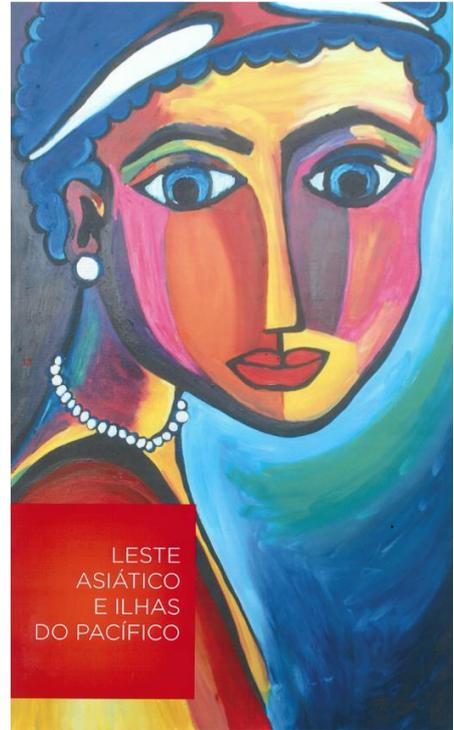


Fig. 6 Wanting Both, Kaiwaiwan Yai Pupu, Papua Nova Guiné



Fig. 7 Young Bride, Hem Matsi, Namibia



Fig.8 Mother, Daughter, Doll, de Boushra Almutawakel, Iêmen

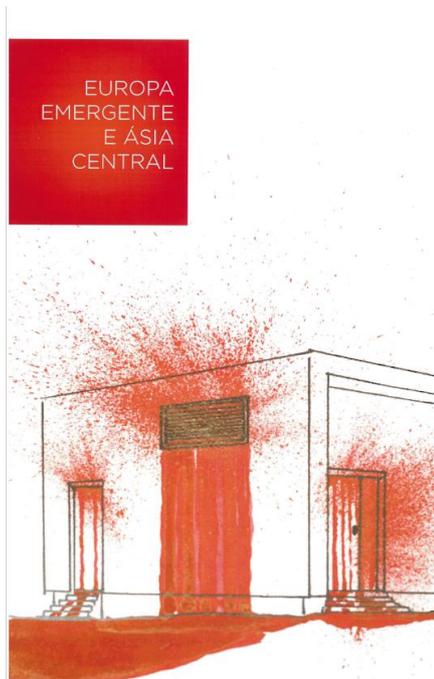


Fig.9 Bleeding House Marko Maetamm, Estonia



Fig. 10 Dovile, Karen Robinson, Reino unido

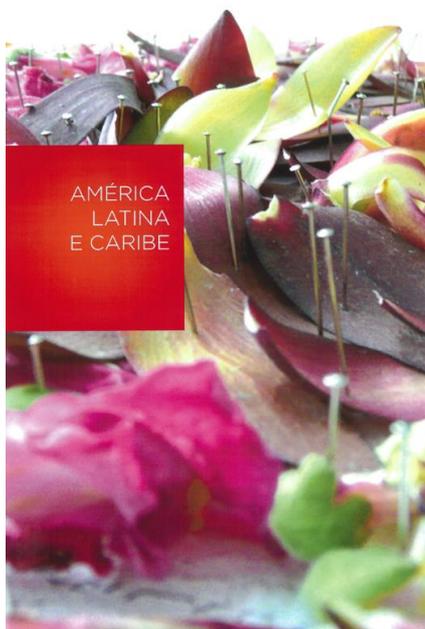


Fig. 11 War in the Home – Landscape Jaime Lee Loy Trinidad e Tobago

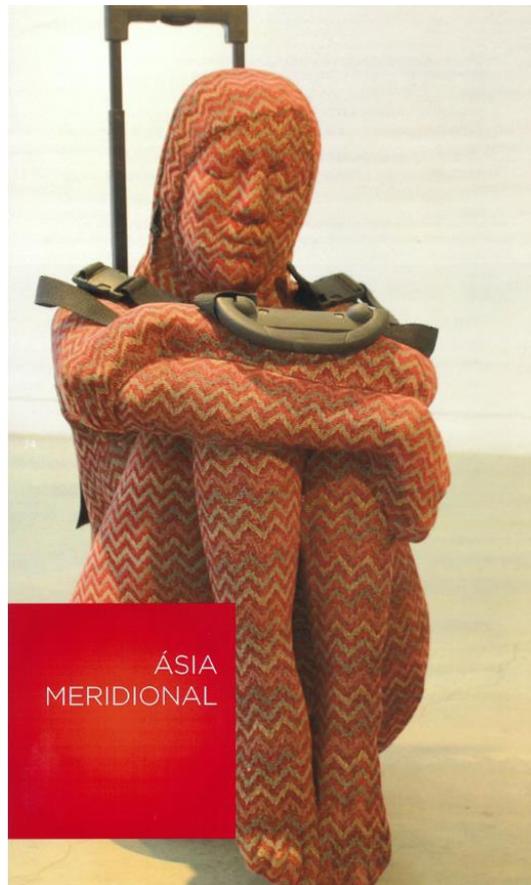


Fig. 12 Transitory Nausheen Saeed, Paquistão

Na obra *The Hijab*, de Boushra Almutawakel, do Iêmen, sobre o uso do hijab (véu), pode-se observar o construtivismo e a construção da identidade numa narrativa sobre o ocidente, através da fala da artista numa série sobre o hijab que observa desde quando frequentava a escola de fotografia e pôde perceber que as mulheres que vestiam o véu, eram iguais às mulheres que usavam maquiagem, pois todas elas escondiam sua verdadeira identidade e, a partir daí decidiu dar a ele uma interpretação fotográfica. Ela teve o cuidado para não alimentar as imagens negativas, estereotipadas e generalizadas mais comumente retratadas sobre o hijab na mídia ocidental, sobretudo a noção de que a maioria, ou a totalidade das mulheres que o usam são fracas, oprimidas, ignorantes ou atrasadas. A partir da preocupação com os efeitos da arte, mostra-se seu poder de construir uma realidade, como bem se nota através da ótica da Teoria Construtivismo.

O impacto da arte para outras mulheres é vivenciado através da série de fotografias *The Attempt* (Uma Tentativa), da artista egípcia Marwa Adel. Suas fotos são uma forma de mostrar sua história, dor, luta, raiva e sonho aos outros. Quando outras mulheres veem seu trabalho, se enxergam nele e a procuram para conversar e revelar seus sentimentos.

Uma das obras mais impactantes é chamada *Transitory* (Transitório), de Nausheen Saeed, do Paquistão, onde, através de objetos que representam uma bagagem, lembram como as meninas são consideradas um fardo em muitas culturas, alguém que gastará os preciosos recursos de uma família. As alças e puxadores das malas reforçam a noção da mulher escravizada, desamparada, dependente dos outros para locomover-se.

O impacto da arte para o artista é bem percebido na obra *Bleeding House* (A casa que sangra), de Marko Mäetamm, da Estônia. São obras altamente pessoais que tratam da violência na sociedade do seu país. Segundo ele, confrontar seus sentimentos pessoais costuma levá-lo a enfrentar tópicos cruciais na sociedade, como a função da família, o consumismo, o ciúme, o sexo e a violência doméstica. Ao transcrever, de forma dura, certos momentos privados, o artista apresenta um olhar, uma forma de ver, com humor e, não por isso, com uma sinceridade inestimável, dessas emoções universais e sentimentos tratados como tabu.

O poder da arte como inclusão social, como já mencionado anteriormente na vertente da Teoria do Construtivismo, é bem retratado na obra *Corazon* (Coração), de Francisca Valenzuela, do Chile, em que a artista relata meninas vítimas de abuso sexual. Obra realizada em seu ateliê localizado em uma casa comum onde elas são recebidas, as pinta em preto e branco deixando que elas próprias usem as cores por cima da tela original, de forma que elas possam intervir com uma paleta de cores de acordo com seus desejos, sua dor, sua raiva, seus sonhos e seus ideais. É então aberto um espaço para que essas meninas possam se expressar livremente partindo de dentro, com um compartilhamento de emoções profundas para o mundo externo e para o futuro. Nesse trajeto a artista reconhece a arte como um instrumento de inclusão social, pois assim elas estão diretamente envolvidas e participam e definem como coexecutoras do trabalho final.

Várias artistas foram fortalecidas através de programas como os da Fundação OMID, por exemplo, que ajudam jovens mulheres em situação vulnerável em países como Irã, a sair dessa situação e transformar suas vidas. Os trabalhos dessas mulheres estão na mostra “1 em 3” e exemplificam o resultado obtido no fortalecimento das competências sociais, emocionais e econômicas dessas jovens desfavorecidas e maltratadas no Irã, proporcionando a elas um senso de autoestima e lhes oferecendo oportunidades para desfrutar de uma completa gama de opções de vida por meio do auto crescimento, educação e capacitação. Mais de 85% dessas jovens que concluem o tratamento nessa instituição têm empregos e conseguem desfrutar de uma vida plena e feliz.

### 3. Conclusão

Diante dos argumentos e informações mostrados neste artigo, procurou-se utilizar o discurso oficial da Organização mesclando-o com os textos críticos e discursos teóricos a fim de consolidar a arte como objeto de estudo das Relações Internacionais, aqui especificamente no âmbito das Instituições e Regimes e a dimensão de gênero como marcante da nova agenda internacional.

É possível afirmar que a exposição “1 em 3” trouxe reflexões e mudanças na consciência daqueles que a visitaram. As obras, recheadas de sentimentos e de força, impactam a audiência e alcançam o objetivo de construir uma nova visão de mundo que poderá contribuir para a emergência de uma nova realidade. Nova realidade que, de fato, está sendo construída por inúmeras Organizações Internacionais e Estados que estão se mobilizando contra a Violência Baseada em Gênero – o Banco Mundial, por exemplo, aprovou, recentemente, 10 novos projetos voltados para a questão, totalizando o investimento de quase US\$ 19 milhões. Mas, as estatísticas ainda apontam para uma realidade assustadora: a Organização Mundial da Saúde (OMS) estima que 35% das mulheres já sofreram violência física ou sexual pelo fato de serem mulheres, o que significa mais de 800 milhões de pessoas (BANCO MUNDIAL, 2017).

Permitir que as mulheres estejam em uma situação de vulnerabilidade é impedir que elas possam participar das atividades de produção e possam usufruir dos benefícios dela (WILLMAN; CORMAN, 2013); ou seja, o patriarcado é irracional mesmo no pensamento capitalista, pois mais da metade da população não está apta a contribuir efetivamente para o desenvolvimento da nação. A noção de uma visão de mundo “universal” que exclui as vivências das mulheres faz com que sua experiência seja invisibilizada e que a maioria das políticas públicas sejam elaboradas de maneira a prejudicar as mulheres ou não atenderem as necessidades do universo feminino. O próprio Banco Mundial refletiu sobre essa ideia no que tange, por exemplo, às políticas de transporte urbano; de cenários após conflitos; de reforma do sistema judiciário; de saúde; e de energia (idem). Tais fatos mostram como a questão da Violência Baseada em Gênero vai muito além de políticas específicas; é necessário reconstruir essa noção de mundo que coloca as mulheres localizadas hierarquicamente abaixo dos homens.

Exatamente por isso o trabalho do programa de artes é essencial: como já discutido, ele auxilia na construção dessa nova realidade a partir da mudança de consciência. Reitera-se o que foi colocado no primeiro parágrafo: a arte é uma possibilidade de mudança, e o Banco usa o Desenvolvimento pela arte no sentido de promover essa mudança.

## Referências Bibliográficas

BANCO MUNDIAL. 1 in 3: o que é preciso para você se indignar? 2015

BANCO MUNDIAL. Relatório sobre o Desenvolvimento Mundial e Igualdade de Gênero e Desenvolvimento, 2012

BANCO MUNDIAL. Arte pelo Desenvolvimento. Texto retirado da intranet da instituição, tradução livre – acesso em 28/07/2017  
<http://workgroup.worldbank.org/org/units/GSD/art/Pages/Art-Program---Art-for-Development.aspx>

D.R. Malema, S. Naidoo. Spaces for the Empowerment of Women: Rural Arts and Crafts Projects. African Journal of Hospitality, Tourism and Leisure, Volume 6 (2) - (2017)

LORD, Gail. The soft power of museums. Capítulo em: MCCLORY, Jonathan. The Soft Power 30. USC Center on Public Diplomacy. 2017.

HERZ, Mônica. HOFFMAN, Andrea. Organizações Internacionais: história e práticas. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

JATOBÁ, Daniel. Teoria das Relações Internacionais. In: LESSA, Antônio Carlos; OLIVEIRA, Henrique Altermani (Coord.) Temas Essenciais em R.I.. São Paulo: Saraiva, 2013

KEOHANE, Robert; NYE, Joseph. Power and independence. Boston: Little; Brown, 1977.

ONUF, Nicholas G. Worlds of our making rules and rule in social theory and international relations. South Carolina: University of South Carolina Press, 1989.

PEREIRA, João Márcio Mendes. O Banco Mundial como ator político, intelectual e financeiro (1944-2008)

PORTO, Manuel; CALVETE, Victor. O Grupo Banco Mundial. Capítulo em: João Mota de Campos (Org). Organizações Internacionais – Teoria Geral. Juruá Editora, 2008

REINALDA, Bob (org.). Routledge Handbook of International Organization. New York: Routledge, 2013

RUGGIE, John Gerard. Constructing the World Polity: Essays on International Institutionalization. Routledge. 1998

SEITENFUS, Ricardo. Manual das Organizações Internacionais. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2005.

TOWNS, Ann. The status of Women as a Standard of 'Civilization'. *European Journal of International Relations*, 2009.

UNITED NATIONS. DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS, 1948) <https://nacoesunidas.org/direitoshumanos/declaracao/>

WENDT, Alexander. Anarchy is what states make of it: the social construction of power politics. *International Organization*, vol. 46, n. 2, 1992.

WHITMAN, Jim (ed). Palgrave advances in global governance. Inglaterra: Palgrave Macmillan. 2009.

WILLMAN, Alys M; CORMAN, Crystal. Sexual and Gender-Based Violence: What is the World Bank Doing and What Have We Learned? 2013.

WITTGENSTEIN, ludwig. Investigações filosóficas. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.